



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Epistemologia Genética e Enação, contrastes nas abordagens didáticas
Autor	ERIKA NERES MARKUART
Orientador	CLECI MARASCHIN

Erika Neres Markuart
Cleci Maraschin
UFRGS

O presente trabalho busca discutir alguns contrastes entre a epistemologia genética desenvolvida por Jean Piaget e a teoria da enação inicialmente desenvolvida por Humberto Maturana e Francisco Varela, principalmente em relação a compreensão da aprendizagem e das possibilidades de atuação docente em cada abordagem teórica. Considerando os quatro anos como graduanda em pedagogia assim como os quatro anos como bolsista de iniciação científica, tive a oportunidade de estudar algumas obras desses autores. A análise é feita tomando como referência as obras *Seis estudos de psicologia* e *Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento* de Jean Piaget e *A árvore do conhecimento* e *A mente incorporada da teoria enativa*. A epistemologia genética, é uma teoria construtivista e interacionista que busca compreender como o conhecimento é possível. Toma o desenvolvimento das estruturas cognitivas como campo empírico para responder tal questão. A partir de suas pesquisas propõe que o desenvolvimento dessas estruturas se dá em uma sequência fixa de estágios que vão do sensório-motor ao operatório-formal, embora seu progresso dependa das condições internas do sujeito e das possibilidades do meio. Sendo assim, a aprendizagem é decorrência do desenvolvimento cognitivo e pode ser promovida sempre a partir desse último. O professor assumiria o papel de facilitador da aprendizagem ao configurar um ambiente estimulante para a manipulação de fenômenos, levando-os a produzirem hipóteses semelhantes a dos cientistas de determinada área. Ou seja, criando modelos explicativos que representem adequadamente determinada realidade. A teoria da enação se coloca, de início, a questão de como a vida é possível, fazendo uma equiparação entre fazer=viver=conhecer. Embora ambas as teorias tratem do sensório-motor e do corpo na aprendizagem, eles jogam um papel distinto em ambas. Enquanto na abordagem piagetiana, a atividade sensório-motora é subsumida nas estruturas mentais posteriores, para a teoria da enação ela se constitui na fonte da cognição inventiva. Ou seja, na enação a representação/formalização não passa a assumir um valor explicativo central, mas equivalente uma vez que é a partir dos diferentes acoplamentos estruturais que *breakdowns* são potencializados e modificam a estrutura de um ser vivo em seu percurso de vida. Aprender é portanto, uma modificação estrutural na convivência que, no caso dos humanos, se realiza em uma rede heterogênea que congrega outros humanos, instituições e tecnologias. Assim, o tempo, o coletivo e o corpo são constituintes do processo de aprendizagem. O professor convida a uma convivência em determinado domínio de conhecimentos, produzindo acoplamentos podem transformar a estrutura de ambos e do próprio domínio. Portanto a enação considera que o meio, o objeto de estudo, os alunos e as professoras estão inseridos no processo de aprender e de ensinar, sendo assim, performances, possibilidades de criação, aprendizagens perpassam por todos os sujeitos presentes, nesse caso, em sala de aula. Ao propor uma discussão acerca dessas duas teorias é possível fazer uma análise crítica tanto dos processos de aprendizagem em sala de aula assim como da ação pedagógica que as teorias possibilitam. Torna-se possível observar, que tanto a epistemologia genética quanto a teoria da enação, propiciam diferentes modalidades de intervenção configurando distintas políticas cognitivas na abordagem didática.